

Borrallheira, ou o Sapatinho de Vidro (por Charles Perrault)

Texto

Era uma vez um gentil-homem que desposou em segundas núpcias a mais altaneira e orgulhosa mulher jamais vista. Ela tinha duas filhas com o seu tipo de carácter, em tudo semelhantes à mãe. Pelo seu lado, o marido tinha uma jovem filha duma doçura e bondade sem exemplo; no que saía à sua mãe, que fora a melhor pessoa no mundo.

Mal as bodas tinham terminado, já a madrasta dava largas ao seu mau humor. Não podia suportar as boas qualidades da jovem, as quais evidenciavam quão as suas próprias filhas eram odiosas. Encarregou-a das mais vis ocupações da casa: lavar a louça e as escadas, esfregar o quarto da dama e os das meninas suas filhas. Ela dormia no topo da casa, numa reles enxerga de palha no sótão, enquanto que as irmãs tinham quartos assoalhados com camas da última moda e espelhos onde se podiam ver dos pés à cabeça. A pobre moça sofria tudo com paciência e não ousava queixar-se ao pai, o qual lhe teria ralhado porque a mulher o dominava completamente.

Quando ela terminava os seus deveres, costumava ir para o canto da chaminé e aí sentar-se nas cinzas, do que resultava que em casa lhe chamavam normalmente Cucinzento; mas a mais nova, que não era tão mal educada como a outra, chamava-lhe Borrallheira. Seja como for, Borrallheira, com os seus reles trapos, não deixava de ser cem vezes mais bonita que as irmãs magnificamente vestidas.

Sucedeu que o filho do rei deu um baile para o qual convidou todas as pessoas de qualidade; também as nossas damas foram convidadas, dado serem conhecidas no país. Ei-las bem sentadas e ocupadas a escolher as roupas e os chapéus que lhes assentavam melhor; nova provação para Borrallheira, visto ser ela a passar a ferro a roupa das irmãs e a engomar os punhos. Não falavam senão da maneira como iriam vestidas. «Eu», disse a mais velha, «irei com o meu vestido de veludo encarnado e o meu ornamento de Inglaterra». «Pois eu», disse a mais nova, «levarei apenas a minha saia usual, mas em compensação porei o meu casaco com flores de ouro e o meu cinturão de diamantes, que não é dos mais indiferentes». Mandou-se chamar uma boa cabeleireira para lhes levantar duplas madeixas e mandou-se comprar pequenos recortes de veludo preto para lhes colar nos rostos. Elas chamaram a Borrallheira para lhe pedir opinião, pois tinha bom gosto. A Borrallheira aconselhou-as com a melhor boa vontade e ofereceu-se mesmo para as pentear, o que elas aceitaram.

Enquanto as penteava, elas diziam-lhe: «Borrallheira, não gostarias de ir ao baile?». «Infelizmente, vocês estão a fazer troça de mim; um tal baile não é para mim». «Tens razão; muito ririam as pessoas se vissem um Cucinzento ir ao baile».

Qualquer outra tê-las-ia penteado mal; mas Borrallheira era boa e penteou-as perfeitamente bem. Passaram quase dois dias sem comer, tal era a alegria que as acometia. Romperam-se mais de uma dúzia de cordões à força de apertá-los para reduzir a cintura e elas não saíam da frente do espelho.

Chegou enfim o feliz dia. Partiram e Borrallheira seguiu-as com os olhos tanto quanto pôde; depois, quando deixou de vê-las, desatou a chorar. A madrinha, ao vê-la assim toda chorosa, perguntou-lhe o que tinha. «Eu queria muito... eu queria muito...» Chorava tanto que não conseguia terminar a frase. A madrinha, que era fada, disse-lhe: «Tu querias muito ir ao baile, não é verdade?» «Sim, é isso», disse a Borrallheira com um suspiro. «Muito bem, vais ser uma boa menina?», disse a madrinha, «eu arranjo maneira de ires». Levou-a ao quarto e disse-lhe: «Vai ao jardim e traz-me uma abóbora». Borrallheira foi imediatamente apanhar a mais bela abóbora que encontrou e levou-a à madrinha, embora não percebesse como é que essa abóbora poderia fazê-la ir ao baile. A madrinha esvaziou-a, deixando apenas a casca, após o que lhe bateu com a sua varinha; ao que a abóbora se transformou num coche todo dourado.

Depois a madrinha foi ver à ratoeira, onde encontrou seis ratos ainda vivos. Disse à Borrallheira que levantasse um pouco o arame da ratoeira e deu uma pancada com a varinha em cada rato que saía, transformando-os um a um, instantaneamente, em belos cavalos, o que fez uma bela atrelagem de seis cavalos dum bonito cinzento de rato malhado.

E como a madrinha estava sem saber como arranjar um cocheiro, a Borrallheira disse: «Vou ver se não haverá alguma ratazana na ratoeira grande; poderíamos fazer dela um cocheiro». «Tens razão», disse a madrinha, «vai ver». A Borrallheira trouxe-lhe a ratoeira grande, onde havia três grandes ratazanas. A fada escolheu uma das três por causa da sua imponente barba; tendo-a tocado, a ratazana transformou-se num grande cocheiro dotado de um dos mais belos bigodes jamais vistos.

Depois a madrinha disse-lhe: «Vai ao jardim, onde encontrarás seis lagartos atrás do regador; traz-mos». Mal ela lhos trouxe, a madrinha tornou-os em seis lacaios, os quais subiram imediatamente para a traseira do coche com as suas roupas de cores brilhantes e aí se mantiveram como se nunca tivessem feito outra coisa na vida.

Então a fada disse à Borrallheira: «Muito bem, já tens com que ir ao baile; estás contente?» «Estou, mas vou assim com as minhas roupas sórdidas?» A madrinha limitou-se a tocá-la com

a varinha; instantaneamente as suas roupas foram transformadas em tecido de ouro e prata polvilhado de pedras preciosas. Seguidamente, deu-lhe um par de sapatos de vidro, os mais bonitos no mundo. Quando ela ficou assim arranjada, subiu para o coche; mas a madrinha recomendou-lhe acima de tudo que não deixasse passar a meia-noite, advertindo-a de que se ficasse no baile mais um momento que fosse o seu coche se tornaria em abóbora, os cavalos em ratos, os lacaios em lagartos e que as suas velhas roupas reverteriam à forma primeira.

Ela prometeu à madrinha que não deixaria de sair do baile antes da meia-noite. E aí vai ela, não se tendo em si de alegria. O filho do rei, a quem foram avisar da chegada duma grande princesa desconhecida, correu a recebê-la. Deu-lhe a mão à saída do coche e conduziu-a à sala onde estavam todos reunidos. Então fez-se um grande silêncio; as pessoas pararam de dançar e os violinos deixaram de tocar, estando todos absortos na contemplação a grande beleza desta desconhecida. Ouvia-se apenas um rumor: «Ah, como ela é bela!» O próprio rei, apesar de muito velho, não parava de olhar para ela e de dizer baixinho à rainha que há muito tempo que não via uma pessoa tão bela e amável. Todas as damas consideravam atentamente o seu penteado e indumentária para no dia seguinte terem algo semelhante, se conseguissem encontrar tecidos suficientemente belos e artífices suficientemente hábeis.

O filho do rei colocou-a no lugar mais honroso e logo lhe tomou a mão para a levar a dançar. Ela dançou com tanta graça que todos a admiraram ainda mais. Foram trazidos magníficos comes e bebes nos quais o jovem príncipe nem tocou, de tão ocupado que estava a considerá-la. Ela foi sentar-se perto das irmãs e desfez-se em cortesias: partilhou com elas as laranjas e limões que o príncipe lhe havia dado, o que muito as espantou, visto que não a reconheciam.

Quando assim conversavam, a Borralheira ouviu tocar as onze horas e três quartos; imediatamente fez uma grande reverência a todos e foi-se o mais rapidamente possível. Mal chegou a casa foi ter com a madrinha e, após ter-lhe agradecido, disse-lhe que gostaria muito de voltar ao baile no dia seguinte porque o filho do rei lho tinha pedido. Enquanto ela contava à madrinha tudo o que se passara no baile, as duas irmãs bateram à porta. Borralheira foi abrir-lhes. «Como demoraram a vir!» disse-lhes a bocejar, a esfregar os olhos e a espreguiçar-se como se tivesse acabado de acordar; no entanto, não tinha tido vontade nenhuma de dormir desde que elas tinham partido. «Se tivesses vindo ao baile», disse-lhe uma das irmãs, «não te terias aborrecido: veio lá a mais bela princesa, a mais bela que se possa ver; fez-nos mil cortesias e deu-nos laranjas e limões».

A Borralheira não se tinha em si de alegria: perguntou-lhes o nome da tal princesa, mas elas responderam-lhe que ninguém a conhecia, que o filho do rei estava muito cabisbaixo e

que daria tudo para saber quem ela era. A Borracheira sorriu e disse-lhes: «Ela era então muito bela? Meu Deus, suas felizardas, acham que também eu poderia vê-la? Olhe, Menina Javotte, empreste-me o seu vestido amarelo de trazer por casa». «Francamente», disse a Menina Javotte, «é claro que sim! emprestar o meu vestido a um horrível Cucinzento, seria preciso que eu estivesse doida». A Borracheira já esperava esta recusa e não se importou nada; na realidade teria ficado muito embaraçada se a irmã tivesse aceite emprestar-lhe o vestido.

No dia seguinte as duas irmãs foram ao baile e a Borracheira também, mas ainda melhor arranjada que da primeira vez. O filho do rei manteve-se sempre perto dela e não parou de lhe dizer coisas doces; a jovem, que não se aborrecia nada, esqueceu-se do que a madrinha lhe tinha recomendado, de modo que ouviu tocar a primeira badalada da meia-noite quando pensava serem ainda onze horas. Levantou-se e fugiu tão levemente como uma corça. O príncipe seguiu-a mas não conseguiu apanhá-la; ela deixou cair um dos seus sapatos de vidro, que o príncipe recolheu cuidadosamente. Borracheira chegou a casa sem fôlego, sem coche, sem lacaios e com a sua velha roupa vestida, só lhe restando da sua magnificência um dos sapatinhos, igual àquele que tinha deixado cair. Perguntaram aos guardas da porta do palácio se tinham visto sair uma princesa, ao que eles responderam não ter visto sair ninguém a não ser uma jovem muito mal vestida que tinha mais ar de camponesa que de uma dama.

Quando as duas irmãs voltaram do baile, a Borracheira perguntou-lhes de novo se se tinham tornado a divertir e se a bela dama lá estava. Disseram-lhe que sim, mas que ela tinha fugido mal havia tocado a meia-noite e tão rapidamente que tinha deixado cair um dos seus sapatos de vidro, os mais bonitos do mundo; e que o filho do rei havia recolhido o sapato e tinha ficado a olhar para ele durante todo o resto do baile, estando certamente muito apaixonado pela bela jovem a quem pertencia o sapatinho.

Elas diziam a verdade, porque pouco tempo depois o filho do rei fez publicar a toques de trompa que desposaria aquela cujo pé se ajustasse bem ao sapato. Deram-no a experimentar às princesas, depois às duquesas e a toda a corte, mas debalde. Trouxeram-no à casa das duas irmãs, que fizeram todo o possível para fazer entrar o pé no sapato sem no entanto o conseguirem. A Borracheira, que as olhava e havia reconhecido o seu sapato, disse a rir: «Quem sabe se não me estaria bom». As irmãs desataram a rir e a fazer troça dela. Mas o gentil-homem que fazia experimentar o sapato, tendo-a olhado atentamente e achado muito bela, disse que era justo e que ele tinha ordem de experimentar o sapato a todas as donzelas. Fez a Borracheira sentar-se e, aproximando o sapato do seu pé, viu que entrava sem dificuldade e se lhe ajustava como um molde de cera. O espanto das duas irmãs foi grande; e maior ainda quando a Borracheira tirou do bolso o outro sapato, que calçou no outro pé. Nesse

momento chegou a madrinha, que, dando um golpe de varinha nas roupas da Borralheira, fê-las ficar ainda mais magníficas que todas as anteriores.

Então as duas irmãs reconheceram nela a beldade que haviam visto no baile. Deitaram-se-lhe aos pés a pedir perdão por todos os maus-tratos que lhe haviam infligido. A Borralheira levantou-as e disse-lhes, beijando-as, que lhes perdoava de bom grado e que lhes pedia que gostassem sempre dela. Levaram-na ao príncipe vestida tal como estava. Ele achou-a ainda mais bela que antes e desposou-a poucos dias depois. A Borralheira, que era tão boa quanto bela, fez as irmãs virem viver para o palácio e casou-as no próprio dia com dois grandes senhores da corte.

MORALIDADE:

A beleza é para o sexo fraco um raro tesouro, que nunca nos cansamos de admirar; mas aquilo a que se chama graciosidade é sem preço e é bem mais valioso. Foi isto que a madrinha concedeu à Borralheira ao educá-la e instruí-la, tanto e tão bem que dela fez uma rainha. Belas, este dom vale mais do que estar-se bem penteada; para se prender um coração e conquistá-lo, a graciosidade é o verdadeiro dom das fadas: sem ela nada se pode, com ela tudo se consegue.

OUTRA MORALIDADE:

É sem dúvida uma grande vantagem ter espírito e coragem, uma boa nascença e bom senso, assim como outros talentos semelhantes, de que se recebe do Céu uma quota-parte; mas, tendo-se embora tais talentos, não conseguirá fazê-los valer para obter sucesso na vida quem não tiver padrinhos ou madrinhas.*

* Traduzido do original francês publicado na recolha intitulada *Histoires ou contes du temps passé, Avec des moralités* (1ª edição: Paris, 1697).